



Sumário

EDITORIAL

FORMAÇÃO DE PSICANALISTAS E A ACP - <i>Renata Falivene</i>	2
--	---

NOTÍCIAS

3

ARTIGOS E ENSAIOS

4

O GOZO E A IMAGEM EM TEMPOS DE REESTRUTURAÇÕES E
SEPARAÇÕES - *Antônio Carlos de Barros Junior*

NOTAS SOBRE OS ESPAÇOS DA ACP - <i>Israel Vieira</i>	8
--	---

DEBATES E REFLEXÕES

ESTUDO DE CASO - <i>Durval Checchinato</i>	11
--	----

DO OUTRO EM QUESTÃO À QUESTÃO DO OUTRO - <i>Patrícia Possato</i>	12
--	----

CONTO, VERSO & PROSA

<i>Patrícia Possato</i>	13
-------------------------	----

<i>Regina Moran</i>	13
---------------------	----

<i>Renata B. Nascimento Falivene</i>	16
--------------------------------------	----

AGENDA

17

Formação de psicanalistas e a ACP.

Renata Falivene

Se a psicanálise é, como nos diz Lacan, *um saber cuja essência é de não se transmitir por escrito*, nem por isso se resolve para uma escola psicanalítica o problema da transmissão.

O estudo do Seminário 17, *O Averso da Psicanálise*, tem nos oferecido inúmeras oportunidades para nos debruçarmos sobre a verdade de que, em psicanálise, o saber jamais é todo. Não é difícil render-se a isso, se nos lembramos de que, citando Lacan outra vez, *o real não é, antes de mais nada, para ser sabido*. O saber sobre o Inconsciente é um saber que não se pode acumular e dominar, porque, pela condição da linguagem ele não se completa. Jamais é um saber que se pretenda *todo*, porque se trata sempre de um sujeito, uma história particular e única, da qual se pode *saber* apenas pela via da fala, mas sempre no limite da falta – na lógica da castração, instituída pela linguagem. Por isso não é possível *satisfazer-se* em abordar o inconsciente pela via do saber. E, no entanto, não se pode abrir mão de abordá-lo por aí.

Pensar a transmissão em psicanálise implica na aceitação da lógica do Inconsciente e suas conseqüências. E se compete a cada psicanalista a responsabilidade por sua formação, à instituição que se oferece a participar da formação de psicanalistas, compete manter em movimento as reflexões sobre a maneira como ela se dá.

Algumas idéias me ocorrem como contribuição para essa reflexão.

Primeiro que, tratando-se de um saber, há que se transmitir. Se isso implica em articulá-lo em palavras,

ainda assim algo resta, algo de real, do qual não se sabe, e que opera. Isso vale para a clínica psicanalítica tanto quanto para a teoria psicanalítica.

Desde o ponto de vista da clínica, quem fez a experiência do inconsciente pela via da psicanálise – quero dizer, por dirigir-se, em análise, a um psicanalista que, por sua própria formação psicanalítica, é capaz de escutar esse que fala, e intervir no seu discurso – qualquer um que tenha essa experiência, sabe, pela via mesma dessa experiência, que é possível ter acesso à verdade – do seu desejo – mas que não se pode saber tudo, que a verdade não pode ser *toda* dita. Não é por acaso que a análise é interminável e, para o analista isso se confirma na clínica.

Mas para a transmissão importa lembrar que, se o saber em questão esbarra no que, do real, é inarticulável como saber, essa constatação não pode ser suporte para o mal entendido de uma clínica sem suficiente preparação. Esse é um risco que não se pode correr. Por isso é que temos nos dedicado a pensar naquilo que, da formação psicanalítica, a ACP participa, ou seja, a oferta dos meios.

Por *meios* nosso regimento entende análise, supervisão, estudo. Quando participei da Comissão de Acolhimento tive oportunidade de observar como se multiplicam os mal entendidos em torno desse assunto. Dúvidas e interpretações equivocadas sobre a relação entre a análise, o estudo ou a supervisão com a formação psicanalítica, e o mesmo quanto à relação entre a formação e a participação na ACP. Penso que algumas observações podem ajudar aqueles que se interessam pela formação psicanalítica.

A primeira é: não ter pressa! *Passar por análise* não significa uma breve passagem pelo divã: tornar-se capaz de escutar, quando isso acontece, é efeito de um longo caminho de análise pessoal, e não efeito de uma disposição

da vontade. Há que se aprofundar na própria análise para saber do desejo de

Quanto à supervisão, uma distorção recorrente aparecia na escolha de supervisores cujo trabalho se fundamentava em linhas teóricas diversas. A supervisão, como a análise, só funciona na transferência, e a transferência de trabalho não se desvincula da teoria que sustenta a escuta do supervisor – como se entende formação psicanalítica lacaniana com supervisão em qualquer outra lógica que não essa?

Quanto ao estudo, sofremos uma espécie de efeito colateral da escolha – coerente – que fazemos de não oferecer os impossíveis “cursos de formação”. Não existem cursos de formação psicanalítica lacaniana porque, mais uma vez, o saber em questão na psicanálise não se submete à lógica do ensino. Com Lacan, torna-se insustentável pensar uma formação de percurso único, cada analista tendo que traçar ele mesmo um percurso singular. Mas o efeito indesejável é o de deixar uma espécie de brecha para o engano de que é possível tratar o estudo da psicanálise com uma frouxidão que torna impossível a clínica. Se o estudo que sustenta a prática jamais contempla todo saber, isso apenas significa que ele é tão insuficiente que precisa ser constante, um estudo que mantenha em abertura a escuta para a manifestação do inconsciente.

Assim, o analista está sempre em formação, desde que seja analista.

Participar de uma instituição psicanalítica significa optar por manter-se em interlocução com essa instituição, na pessoa de seus membros.

Se, como passou a ser o nosso caso, há um *acordo* - do qual Regimento é o enunciado - segundo o qual os membros nomeiam sua forma de participação, a responsabilidade *por essa nomeação* é do sujeito que se apresenta, mas também da instituição que a franqueia. Os desdobramentos imaginários que isso possa ter são de menor importância. Porém importa que, se há acordo, nos mantenhamos no

escutar, e isso antes de se propor a escutar o outro.

firmo propósito de cumpri-lo ou, se for o caso, rever seus enunciados, conforme nossa experiência avança. Isso porque, para além do imaginário, simbolicamente se trata de *acordo*, e esse acordo declara, em cada caso, no caso de cada psicanalista que assine seu nome sob a insígnia da ACP, uma posição da própria ACP que é necessário poder sustentar.

NOTÍCIAS

Em 2008 a Associação Campinense de Psicanálise se propõe a refletir nossa formação tendo como eixo de trabalho A Formação do Analista Lacaniano. Estudo que envolverá toda instituição, inspirando também seus eventos.

“Lacan pensava radicalmente a questão da formação do analista. Afirmou:” o analista não se autoriza senão por si mesmo”. Essa afirmação provocou verdadeiro escândalo na IPA (International Psychoanalysis Association). Mas, se considerada a fundo, a tese proposta é o único e verdadeiro caminho para a formação de analistas. Do tripé que garante a formação do analista – análise pessoal, estudo, supervisão – o mais decisivo é a análise

pessoal. É no difícil tirocínio de seu percurso que o candidato verifica, identifica e se descobre habitado pelo desejo de analista, único ferramental que o habilita para a escuta do outro. Com isso Lacan imprimia uma lógica fundamental na formação que custa um “naco de carne”, como diz Freud. De alguma maneira, para Lacan, a análise deve levar o sujeito ao estado de derrelicção no qual nasceu, dispensando a segurança aparente que o mantinha no apoio do outro, até o ponto de se retomar como sujeito de sua história e responsável por seu desejo (Regimento Interno ACP)”. Deixando claro que a

psicanálise não se define por um saber, mas por um desejo.

ARTIGOS E ENSAIOS

O gozo e a imagem em tempos de reestruturações e separações

Antônio Carlos de Barros Júnior

Recentemente um alto executivo de uma multinacional, numa palestra que ministrava, disse que “reestruturações de empresas são como divórcios de casamentos antigos”. Completou ele: “assim como o marido que quer se separar da esposa depois de 20 ou 30 anos de casado não pode ser ‘transparente’ com ela e dizer que ela está ‘velha, feia e gorda’, a empresa não pode dizer aos funcionários que serão demitidos, por conta de uma reestruturação, que se tornaram pouco produtivos e caros demais”. A palestra girava em torno do tema de como melhor executar reestruturações de empresas - fusões, otimização de processos, downsizing, fechamento de unidades produtivas, etc. - com o menor impacto possível para os funcionários, mantendo a produtividade da empresa, minimizando o número de demissões, propiciando recolocações, enfim, executando as mudanças com “responsabilidade social”. A receita proposta pelo executivo nesses casos, assim como no caso da comunicação à esposa da separação iminente, é a de não ser transparente, mas de manter a “credibilidade” - seja lá o que for isto. Assim, supostamente se evitariam sofrimentos desnecessários para os que estariam sendo demitidos dos respectivos postos. Mas olhemos as coisas um pouco mais de perto.

O primeiro aspecto a ser analisado é o da tal “transparência”. O executivo, quando diz que nem o marido nem a empresa, entenda-se os gestores dela, podem ser transparentes, não deixa de estar certo. Não porque estejam necessária e legitimamente preocupados com a esposa ou com os

funcionários, com o sofrimento que supostamente surgiria se soubessem das “reais” causas de sua destituição, mas porque nem o marido, nem os gestores da empresa dão-se conta do que há de inconsciente nesse processo, do que nele está em jogo. Como poderiam “transparecer”, com todas as letras, o que não aparece para eles, senão nas suas entrelinhas, via de regra?

Ora, quando o marido pensa consigo ou comenta com um amigo que a esposa está “velha, feia e gorda” e por isso vai se separar dela, não está, de fato, falando da esposa. Está falando de si, do que representa hoje para ele, marido, estar ao lado daquela mulher que ele escolheu um dia. Está dizendo que, seja lá qual tenha sido a razão por que a escolheu, por realização parcial de sua fantasia fundamental ou por sintoma seu, ele já não consegue mais “encaixá-la” na sua fantasia ou na sua configuração sintomática. Ou seja, se antes ela representava aquilo que fazia da imagem dele o que mais poderia se aproximar de uma completude, hoje é a própria expressão da trinca dessa imagem fálica. Por exemplo, se estar com ela antes, quando era bonita, atraente, desejada por muitos, significava para ele ser um “garanhão”, imagem mesmo do Falo, hoje, que o corpo dela está mudado, com os sinais dos anos que passaram, tê-la não representa mais para ele toda uma “potência” fálica, ainda que imaginária. Aliado a isto, evidentemente, há que se considerar que o corpo dele mesmo mudou também, que os sinais da idade começam a surgir ou já se instalaram definitivamente. Enfim, que toda a questão do envelhecimento e das perdas que o acompanham começam a estar na ordem do dia para ele.

Por outro lado, se a escolha pela esposa foi propriamente sintomática e representou para o homem, não a realização possível da fantasia fundamental, mas antes a barreira que o preservaria do contato com o seu desejo, com o objeto almejado, também neste caso a esposa, depois de 20 ou 30 anos, passou a não mais representar o

“abrigo seguro”, a “impossibilidade” de realização do desejo.

Seja como for, se estar com aquela mulher começa a desmoronar a imagem de potência (ou de fracasso) fantasiosamente construída ao longo dos anos, o desejo de sua reconstituição emerge: livrar-se da “mácula”, do “borrão” da própria imagem e tentar encontrar outra mulher que possa restaurá-la, colar a trinca narcísica (ou mantê-la o mais longe possível). Desejo de (re)lançar-se na busca repetitiva pelo objeto que lhe restituiria um gozo absoluto imaginado (ou que o protegeria dele): uma (outra) mulher (e outra e outra...), com um certo (traço de) corpo, que poderia supostamente “encarnar” tal objeto. Quer dizer, poderia ser olhada, ouvida, cheirada, tocada, rejeitada (defecada?), comida, enfim, como se fosse tal objeto (ou, de novo, o refúgio contra ele), nunca sendo de fato, claro, pois este é da ordem do vazio, do que escapou ao sujeito, do que ele não pôde representar de sua imagem especular na sua entrada no campo do Outro¹.

Por isso, se o caso era de estar com aquela mulher por ser tão desejada e olhada por todos, por exemplo, com aquele corpo, aquela juventude, algo ainda faltava e nunca fora preenchido: a imagem que o sujeito tem de si ainda é (e sempre foi) marcada por uma trinca. Permaneceu, pois, desde sempre, ainda que minimamente, o desejo de continuar a busca: há que haver uma que seja a mulher.

A separação, naquela altura da vida, vem para que o homem continue na busca, agora mais ativamente, isto se outra mulher, mais “adequada” para a fantasia fundamental dele ou para seu sintoma, já não tiver sido “encontrada”. Com ela ficará até que não “cubra” mais a trinca e aí buscará outra ainda e outra... Até que não mais seja possível manter, cobrir, costurar a imagem narcísica que foi se esvaindo com o tempo. Ou não, e a repetição permanece até a morte.

¹ LACAN, Jacques. *Le Séminaire, livre X, L'angoisse* (1962-63). Paris: Editions du Seuil, 2004.

Já no que se refere à empresa que vai passar por uma reestruturação, o que está em jogo e não “transparece” é o fato de que, quando os gestores atribuem aos funcionários que serão demitidos o ônus da falta de produtividade e dos seus altos custos, na verdade falam de si, do que tais funcionários representam para a empresa e para eles próprios, gestores. Quer dizer, ainda que algum funcionário, por uma razão ou outra, possa estar produzindo menos do que produzia antes, o que geralmente se passa é bem mais complexo do que isso.

Os gestores de empresas e, numa certa medida, também seus funcionários em geral, vêm ajudando a construir a configuração do capitalismo atual e nela se lançam, sem se dar conta propriamente das dimensões que vem assumindo, transcendendo-os, causando mudanças por vezes dramáticas na organização do trabalho e na sociedade em geral². O fato é que, sobretudo a partir da década de 1970, mas de maneira mais pungente nos últimos anos, a conjunção de uma série de fatores sociais, econômicos, políticos, tecnológicos³ e psíquicos, diríamos, fez com que as pessoas vêem-se hoje às voltas com uma troca de mercadorias, serviços, capital e informação num volume e velocidade nunca antes vivenciados na história da humanidade, e isto com um alcance mundial. Quer dizer, as possibilidades de gozo aumentaram como nunca: vive-se mesmo a era do excesso, para mais ou para menos. E no que se refere às empresas, a possibilidade de ganhar, de lucrar não mais no mercado local, mas mundialmente, está aí, para quem quiser entrar no jogo, arriscar, pagar o preço do excesso: os (poucos) vencedores levam (quase) tudo, os (muitos) outros

² SELIGMANN-SILVA, Edith. Desemprego: a dimensão psicossocial. In: SOCIEDAD INTERAMERICANA DE PSICOLOGIA. *La Psicología al fin del siglo: conferencias magistrales del XVII Congreso Interamericano de Psicología*. Caracas: Sociedad Interamericana de Psicología, 1999, p.339-359.

³ MATTOSO, Jorge Eduardo L. *Trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 8(1), p.13-21, 1994.

não ficam com (quase) nada⁴. O problema é que uma empresa de um certo setor, de um certo país, entra no jogo, daí outra e outra e a competição entre elas aumenta. Uma percebe que pode otimizar os processos de produção e, com isto, vender pelo mesmo preço um produto, a um custo mais baixo. A outra se dá conta de que pode contratar mão-de-obra muito barata na China e com isto abaixar o preço em relação à concorrente. Uma outra ainda percebe que, se comprar a concorrente, torna-se mais forte e pode eliminar vários postos redundantes de trabalho. Uma última, que não consegue competir com as outras, fecha uma fábrica ou vai mesmo à falência. Enfim, o capitalismo atual entrou numa dinâmica que é quase como se nenhuma empresa ou gestor pudesse escapar a ela, sob pena de ser engolida/o pela concorrência, pela “globalização”.

Em outras palavras, usar argumentos como o da baixa produtividade dos funcionários, de seu alto custo, do contexto de concorrência globalizada, da necessidade de buscar excelência nos processos produtivos e administrativos, de ser flexível para sobreviver⁵, a fim de justificar a demissão de pessoas e execução de reestruturações drásticas nas estruturas empresariais é elidir uma dimensão subjetiva implicada. Dimensão que, se não é recalcada, tende a ser reprimida por quem conduz o processo, por quem tem poder de decisão nessas reestruturações. Tal dimensão é justamente a do gozo e do limite envolvido. À semelhança do marido que acha a mulher “feia, velha e gorda” e quer eliminá-la para assim supostamente “limpar” sua imagem narcísica maculada com a presença dela, para que possa gozar mais (pela satisfação da fantasia ou sintomaticamente), também o gestor que quer demitir os seus funcionários, eliminar essa “mancha” que a presença

deles representa na imagem dele, deseja gozar mais. A “mancha” neste caso diz respeito ao limite mesmo do ganho, do gozo, ainda que nestes tempos de internet, de transações bilionárias, de velocidades assombrosas, possa-se cogitar uma certa onipotência, vislumbrar uma certa possibilidade imaginária, claro, de gozo absoluto. Assim, quanto mais se ganha, se goza, mais imperativo se torna eliminar tudo o que pode desvelar a impossibilidade desse gozo absoluto; quanto mais concorrentes vão à falência, quanto mais pessoas perdem o emprego - incluindo outros gestores - quanto menor é o número dos que ficam (gestores e empresas), mais imperativa se torna a necessidade de apagar qualquer traço de que se pode ser o próximo a ser eliminado, o próximo a deixar de gozar nesse sentido.

O que não transparece é, então, nos dois casos, do marido e do gestor (empresa), o limite, a castração que está dada, mesmo que certos atos dos sujeitos tentem elidi-la, tentem eliminar o Outro para, finalmente, gozar absolutamente. Ou nas palavras em voga no capitalismo de hoje: tentem ser o único “vencedor”, que leva tudo. Mas se isto pudesse acontecer, quer dizer, um único sujeito “vencendo” e “levando tudo”, pela destruição completa do Outro, aquele que pareceria gozar absolutamente, teria caído no mesmo ato: não haveria mais Outro para que o gozo pudesse continuar. Enfim, se não estamos imaginando o fim do mundo e de todos os seus habitantes realmente, restando um único “sobrevivente”, supostamente vencedor onipotente, o fato é que esse ciclo alucinante em que os sujeitos lançam-se no capitalismo de hoje, sejam gestores, acionistas, funcionários em geral de empresas, tem, em verdade, provocado mudanças às vezes dramáticas na saúde física e mental das pessoas, na organização do trabalho, na configuração social em geral⁶. Só para citar algumas: desemprego em níveis elevados,

⁴ SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter - consequências do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

⁵ Ibidem.

⁶ SELIGMANN-SILVA, Edith. Op.cit.

precarização dos vínculos tradicionais de trabalho e surgimento de novas formas - trabalho temporário, em tempo parcial, terceirização; formação de um novo paradigma de trabalhador, mais escolarizado, participativo e polivalente; demandas por flexibilidade; risco de descartabilidade como regra⁷.

Lacan⁸ postula que a angústia está entre o desejo e o gozo, que aparece quando algo surge lá no lugar onde deveria permanecer a falta, algo prestes não a levar o sujeito à completude absoluta (impossível), mas, pelo contrário, a desmoronar as emendas imaginárias na sua imagem. Gozo e angústia estão, então, nesse limiar da aparição do objeto desejado. Neste sentido, não parece ser tão surpreendente que esse aumento das possibilidades de gozo, acompanhado de um afunilamento cada vez maior do acesso a um certo tipo de gozo associado ao dinheiro, ao “sucesso”, a um estágio em que o sujeito “vencedor” seria o Um imaginário do que tudo leva, venha acompanhado de tanta angústia, como se vê hoje em dia. Angústia seja pela aproximação desse “Olimpo” do gozo, seja, por outro lado, pelo deparar-se com uma falta de garantias cada vez maior, com um desamparo, que, embora intrínseco à condição humana, sempre necessitou de um mínimo de suportes, de apoios sociais para que os sujeitos não desmoronassem psiquicamente. Apoios que parecem estar diminuindo progressivamente⁹.

Alguns podem se opor a tal afirmação, argumentando que as empresas começam a fazer suas reestruturações com “responsabilidade social”, aplicando programas de “demissão responsável” ou coisas que o valham. Ora, que efetivamente certas ações possam ser tomadas para

minimizar os impactos dessas reestruturações não muda a essência do que está em jogo. Além disso, o que se vê, em grande medida, nessas ações de “responsabilidade social” remete sobretudo a uma questão de imagem da empresa envolvida, dos gestores que as executam. Imagem de “bom”, “socialmente responsável”, porque hoje isso está na ordem do dia de certos discursos, porque almeja um certo reconhecimento do Outro, o que não deixa de ser sem conseqüências em termos de lucro e retorno para a empresa e seus gestores.

Para a psicanálise o sentimento altruísta é sem promessas¹⁰. Que essa “responsabilidade social” tenha “boas intenções” e almeje apenas o reconhecimento da sociedade (do Outro) pelos esforços feitos para minimizar o impacto de reestruturações (em direção a um gozo maior) ou que se trate mesmo do matador que vai ao velório do morto para ajeitá-lo no caixão e consolar a família, há certamente uma agressividade subjacente.

Em suma, que não se caia na balela de se ver uma necessidade inexorável de busca por excelência, flexibilidade e reestruturações no capitalismo de hoje. Que não se veja num movimento alucinante que certamente transcende os sujeitos singulares, que adquire proporções inimagináveis mesmo para quem detém o poder de decisão nas empresas, uma ausência dos sujeitos implicados (gestores, acionistas e funcionários em geral), como se fossem simplesmente levados pela “globalização” que aí está. Que não se encarem essas ações de “responsabilidade social” que começam a surgir para supostamente “remediar” ou trazer algum alento aos que são atingidos por transformações cada vez maiores e mais freqüentes no mundo do trabalho, como apartadas do desejo de gozo mesmo que as originaram.

⁷ MATTOSO, Jorge Eduardo L. Op.cit.

MALVEZZI, Sigmar. Psicologia Organizacional - da Administração Científica à globalização: uma história de desafios. In: MACHADO, Constança Gomes (org.)

Interfaces da Psicologia. Actas do Congresso Internacional “Interfaces da Psicologia”. Évora, vol. II, 1999, p. 313-326.

⁸ LACAN, Jacques. Op.cit.

⁹ SENNETT, Richard. Op.cit.

TOURAINÉ, A. *Poderemos viver juntos?* Petrópolis: Vozes, 1998.

¹⁰ LACAN, Jacques. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu’elle nous est révélée dans l’expérience psychanalytique. In: *Ecrits*. Paris: Editions du Seuil, 1966.

Muito do que está acontecendo neste momento, no que se refere aos sujeitos e ao contexto social do capitalismo do início de milênio, está por ser analisado. Aqui fizemos apenas um recorte dele, para um início de reflexão. Aonde vai dar tal contexto, que implicações ainda terá, que outras formas de sofrimento, sintoma, angústia, prazer e gozo vai produzir, é difícil saber. Mas que a psicanálise tenha, neste processo, o papel de fazer aparecer as letras do que não “pode ser transparente”, de possibilitar que os sujeitos implicados possam apropriar-se disso mesmo que os institui como tais.



Notas sobre os espaços da ACP

Israel Vieira

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta;nós perdemos completamente o mundo,nos desapossaram dele.Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapam ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos/.../É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle.

“Deleuze, Controle e Devir, in conversações.

Ed.34,1992.p.218

A ACP conta com vários espaços no percurso de uma experiência psicanalítica,além do tripé análise pessoal, estudos tópicos e

supervisão.Dentre todos (vide programação) comentarei sobre dois: Reuniões Clínicas e Reuniões Internas.

Reuniões Internas

Como ressaltou Renata Falivene, os objetivos dessas discussões seriam:

“a)criar oportunidades de troca , nas quais se possa , por um lado, tomar conhecimento das articulações do saber psicanalítico produzidas pelos colegas , e, por outro contribuir com o que se possa pensar a partir do que o colega propõe ;

b) aprofundar , por esse meio, o estudo sobre a teoria e a clínica psicanalíticas;

c)em termos teóricos : fazer circular o saber e a função do mais-um.

Outras reuniões podem ser organizadas, conforme o interesse dos membros em compartilhar com os outros o andamento de suas reflexões”.

Reuniões clínicas

De acordo com nosso regimento, artigo 17 , Das Realizações:

“A formação do analista acontece basicamente sob a forma de tripé análise pessoal, estudo teórico e supervisão...Porém , propõe dentre essas atividades uma outra, complementar, e necessária , na forma dia apresentação de um caso clínico que tenha suscitado ao analista algum tipo de questionamento.

Supõe uma troca entre analistas que sentem e suportam isoladamente no interior de sua clínica a angústia da escuta psicanalítica.

Escutar o relato de um colega é o contraponto que possibilita a troca.” O mediador surge aqui, nesta reunião,mais como função de resguardar esta troca do que de controlar, pois este espaço “constitui-se importante instrumento para o refinamento da formação”.

Talvez nossa experiência cotidiana permitisse pensar que estas Reuniões, por nós produzidas, estariam em extinção e que esta faculdade de intercambiar nossas experiências (Psicanalítica) não nos pareceriam mais asseguradas .Algo semelhante ao que

Benjamin se referia em seu texto “Experiência e Pobreza” (1933) em que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos (p.114 e 115).

É claro, que estas experiências transmitidas, não estão no plano das “informações ou de um relatório” mas, “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-lo dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”(1933 p. 205). Deveremos situar a consciência no nível dos efeitos e não da causa, colocando o ouvinte numa posição extremamente interessante. O que se ouve é salvo da análise psicológica. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo mais profundamente a transmissão opera, dando possibilidade de aparecer uma palavra que, com seus olhos, escuta.

Fala e escuta sustentados por uma relação transferencial, inconsciente, que uma vez confrontado ao *CHE VUOI* ?, desde o campo do outro, questionará sua curiosidade.

Que espaços são estes? Seria uma heterotopia, como um dia Foucault designou?

“ Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamei, em oposição às utopias, de heterotopias.”

Foucault, Outros espaços, in Ditos e Escritos III. Ed. Forense Universitária, 2001, p. 415.

Uma coisa, em todo caso poderia ser dita: se um dia perdemos as referências que nos guiavam, talvez esses espaços

dêem força, uma vez mais, à invenção freudiana.

DEBATES E REFLEXÕES

Estudo de Caso

Durval Checchinato

Na história da psicanálise em França a apresentação de casos feita por Lacan no Salpêtrière suscitou celeumas. Em sua vaidade, na continuidade de Charcot (apresentação pública das históricas), toda semana estava ele também a apresentar seus pacientes. Essa maneira de proceder foi contestada por vários analistas, sobretudo por Maud Mannoni, já que essa prática não condiz com a epistemologia e a ética psicanalíticas.

Maud Mannoni, ao contrário, toda semana se reunia com o pessoal, clínicos ou estagiários, para discutir casos clínicos. O sucesso dessas discussões vem registrado em seus vários livros, sobretudo em seu livro primordial “O Psiquiatra seu Louco e a Psicanálise”.

A apresentação de casos tem, fora de dúvida, certa utilidade na formação de psicanalistas iniciantes ou provetos. Tudo depende de que algumas condições sejam preservadas. Acredito que certas balizas podem orientar a apresentação tornando-a profícua.

À guisa de associação livre saem-me da pena o seguinte:

Primeiro é preciso que se trate de psicanálise pois nos reunimos movidos por uma epistemologia precisa. Além disso a apresentação do caso seria sempre de um tratamento já efetuado e não em andamento. O sigilo da apresentação obriga os ouvintes, supostamente analistas, à mesma injunção.

O caso seguiria uma ordem, por exemplo:

- A origem da procura
- A queixa – a demanda
- O historial

- A primeira entrevista: dificuldades em estabelecer a transferência
- As ingerências na escuta
- As manifestações do inconsciente
- As intervenções
- Os pontos cegos
- Os efeitos a posteriori
- A cura
- Os fracassos na transferência
- E a conclusão.

Refletindo:

A apresentação tem que ser fruto de uma experiência primária vivida na própria análise pessoal. Dessa experiência partem postulados teóricos que vão subsidiar a escuta do paciente. Assim, penso eu, só podemos escutar um paciente dentro de uma concepção analítica. Impossível escutar ao mesmo tempo, por exemplo, segundo a proposta de Klein, Winnicott ou Lacan. Isso, a meu ver levaria o paciente a lugar nenhum ou simplesmente a uma angústia cada vez maior.

Nossa tarefa consiste em escutarmos o INCONSCIENTE.

Não é de nossa alçada classificar doenças (psiquiatria) ou analisar, aconselhar, mudar comportamentos (psicologia) ou educar (pedagogia).

O inconsciente é fruto, registro de um historial absolutamente singular. Isso significa que nossa escuta se pauta por uma linha diacrônica e outra sincrônica ou, em termos psicanalíticos, nossa atuação consiste na escuta do Édipo e da castração de cada sujeito.

A análise propicia uma reconstrução do sujeito graças a intervenções que castrem o não castrado, que o faz sofrer, que o mantem refém de núcleos patógenos. Ora são exclusivamente as manifestações do inconsciente, as lacunas do discurso que nos garantem que estamos escutando psicanaliticamente. Isto posto, é de esperar que na apresentação de caso se destaquem análise de sonhos, atos falhos, discursos meio-dizeres, significantes mestres e outros... Para tanto nem é necessário apresentar o caso todo. Às vezes, a queixa, a

transferência, a análise de um ou mais sonhos, por outra algumas sessões apenas.

O relato do discurso do paciente e a maneira como o apresentador o escutou é que torna psicanalítica a apresentação do caso. A apresentação contínua, feita por um discurso fechado, redondinho, pode significar muito sobre o apresentador e pouco ou nada sobre o paciente. O discurso do inconsciente é disruptivo, imprevisto, decepcionante, com lógica própria. A apresentação que parte da exposição de um conceito analítico para depois expor o caso é o inverso do que a análise propõe.

Sabemos que análise ocorre somente na medida em que a castração opere. Toda escuta que não resulte nela é multiplicação de palavras vazias, de imaginários soltos, de demandas atendidas. Talvez o recurso a um supervisor ajude uma exposição consistente.

Dentro da teoria de Lacan o psicanalista pode instrumentalizar sua escuta de uma maneira em que possa preservar a associação livre e sobretudo a abstenção de qualquer projeção pessoal, seja teórica, religiosa ou de valor. É nesse sentido que o significante é genuinamente psicanalítico, pois só ele representa o sujeito em seu historial. Além disso o objeto, que implanta no real esse significante, nos garante que o sujeito se reencontre em sua reconstrução.

Resumindo: o difícil na prática psicanalítica é criar sempre uma nova psicanálise na escuta de cada paciente.

Finalmente a posição do analista, encarnando o semblante do objeto a como agente, é garantia de que o sujeito se especifique no encontro de seu desejo, como é bom prenúncio do de-ser do mesmo analista, fim ideal de todo tratamento.

Depois de tudo, apesar de nós, é possível que o sujeito recobre sua paz, sua criatividade. Então se é apesar de nós, não resta outra conclusão: nossa função é “sicut palea”, como a palha.

Do outro em questão à questão do outro

Patrícia Ribeiro Possato

Desde que assumi a função de vice-presidente da ACP em dezembro de 2006, venho pensando e trabalhando com os colegas da Administração as demandas que nos chegam sob forma de pedidos de atendimento, de parcerias de trabalho com Instituições Públicas ou não, e seus desdobramentos.

O lugar que a ACP ocupa no contexto social nesta cidade é de acolhimento. Somos procurados por pessoas vindas de encaminhamentos de psiquiatras, médicos clínicos, homeopatas, psicólogos, alunos, pacientes, além das já citadas Instituições públicas ou privadas que conhecem nosso trabalho.

A psicanálise é uma experiência e como tal é estritamente particular; a alteridade é constituinte para o sujeito humano, portanto o outro é necessário e fundante, porém também ilusório. Há que nos apreendermos de nossas verdades, aprendermos a ter nosso próprio Olhar e seguir.

Talvez um dos momentos mais difíceis da análise seja o início; a primeira conversa e os primeiros contatos vão definir a possibilidade entre analisando(a) e analista.

Procurando entender as particularidades da análise e as de cada um que nos procura, buscamos formalizar as parcerias, ouvir os responsáveis pelas instituições para apreendermos melhor do que se trata nos encaminhamentos que nos chegam.

Avançamos alguns passos, porém ainda há muito para caminhar.

CONTO, VERSO & PROSA

- Que dizer que a poesia seria uma forma particular do saber?
- Sim, mas não de saber algo concreto.

Jorge L. Borges
Revista Entredidos,
Ano 1,nº 4, 1983

Da janela

Da janela sinto o frescor,
Da janela vejo o luar,
A montanha de prédios
Os passarinhos a cantar

Mas, lá no fundo
Dos prédios
Está o horizonte
Soberano e magnífico

Que leva o olhar... a alma
A se encher de calma
A chegar
No êxtase da natureza.

Nela te espero

As rosas se abrem
Cheias de cor
As pessoas se fecham
cheias de dor

a poesia transforma
minha incerteza
a poesia transborda
transporta

silêncio sem fim
bom de ouvir
e aqui nesse momento
vejo minha vida

Vazio

A dor de existir
me sufoca e me agita
um alívio sereno
não vem
vem a dor de alma
de ser e ... também
de não achar
e de não saber
Consome o peito
Num aperto doído
de tudo vivido
pais mortos e vivos
amarrados

na garganta.
Num choro contido
De toda vida
Chorada, lavada
a dor me agita
me sufoca
me faz viver

Patrícia R. Possato

Regina Célia C.P. Moran

Tourada
Outrada

Outrada

Eu e a parte que me cabe nas touradas.
Na platéia, como parte da quadrilha, e
Eu no rejoneo do Outro.
A tourada que evolui em terços, na reza,
entre eles, primeiro o capote, depois a
troca por muletas.
Levo o capote? Dou? Agito?

Touro
Outro

E as muletas?

Ataco, me apóio?

Respondendo ao crescente fazer-se
presença do touro, o eu a agitar o capote
ao Outro. O touro tão primitivo. O quê
lhe garante a sobrevivência? De tão
arcaico o imaginava extinto.

Não fosse pelo gozo da luta: eu no
controle do capote, Eu me dando a
chance de ser mais uma vez
vencida, investir, arremessar-me da
angústia em pura desordem agitada, eu
a enfrentá-la com a posse do capote
numa negação controlada; nele toda
escrita gravada no fogo do ferro que
marca.

O fogo reavivado, tingida no bufar do
Eu ao agito da vermelhidão.

Como um touro, no gozo, Eu sou
irremediavelmente toureada.

Sem braveza, sem oferecer perigo, o
touro é boi. Se a loucura é mansa, não
tem espetáculo. O que fazer da loucura

mansa? Colocar-lhe cangas? A loucura
brava é a minha marca de humanidade,
se louca for, brava! Amansar o coração?
Mansa e humilde de coração? Só saindo
da loucura.

Desde que tudo se passe com
permissão da autoridade: Caso não haja
impedimento do tempo, e promete que
os touros serão picados, bandarilhados e
mortos à estocada.

Têm que dar muito jogo, os que não dão
,ou serão inutilizados durante a lida, ou
são retirados ao curral.

Têm vergonha da vergonha, a corrida é
no enfrentamento de uma vergonha: a
de fazer feio.

Nada sabe do toureiro. Age como se
tudo soubesse, não aceita o capote,
investe na muleta. Sobre-determina o
espetáculo.

O Touro de si conta com suas toneladas
de fúria, sua força, sua determinação,
sua braveza, sua impulsividade no
arremessar-se, sua marca: é indomável,
não é domesticável. Impostura ir nesta
intenção, o Outro morre Touro, não
trabalhará ao seu serviço!

Este eu toureiro, este sim, só o é,
apertado em seus brocados de fêmea,
com sua sapatilha negra e meias em tom
de rosa, que do chapéu à espada exhibe a
coragem do macho, conta estar ali
pronto para matar, no risco tão real e
denegado de morrer.

Na sua negação, todo cinturado, depois
de licenciar-se toureador, necessita
enfrentar touros cada vez mais bravos, e
ter o reconhecimento da platéia. São
todos os touros, digo, outros, que
acenam ou não seus lenços, para uma
manifestação que reflete seus
sentimentos, diante do espetáculo
(sempre segundo regras e
regulamentos).

Então, todo este movimento do Outro,
é ou não, acolhido pela Presidência,
que lhe autorizara os touros e lhe
autorizará ou não a premiação. Não é à
toa que os prêmios são na ordem: uma
orelha, duas orelhas e o máximo o rabo!
Que não se confundam, do touro.

Que festa é esta?

Esta repetição da repetição, três toureiros, seis touros, ordem de antiguidade. Chance de não repetir o mesmo, garantida a chance de repetição, que os touros bravos são imprevisíveis, até eles têm seus dias calmos. Dias em que estão mais imunes a responder à provocação.

Quem são estes com quais a toureira conta?

Cada um tem sua quadrilha: dois da lei, pedem a chave da porta dos touros. Para soltar os touros é preciso que de dentro da quadrilha, dois da lei, passem pela anuência da Presidência, então a chave é entregue.

Os picadores, são dois, mas só um executa.

O picador que conduz o cavalo cegado, mostra sua habilidade de cavaleiro, dispensa a lida. Como senhor, como nobre, que abriu mão para o escravo travar sua batalha a pé.

Esta ferida que não pode ser mortal, faz transbordar em desordem, numa reação na direção da espontaneidade, a braveza do touro.

No jorro do seu sangue, toda sua dor de miúra é evocada, os maus tratos do manejo.

Cabe aos toureiros de prata, três, a fincar-lhe as banderilhas, aos pares, aumentar seu sangramento, mantendo seu enfezamento ...

Os toureiros aspirantes, os lidadores, aos quais se garante o direito de estarem entre as barreiras. Protegem-se nestas defesas, sem vergonha, apenas na função de aquecer, participam do espetáculo.

Neste suporte do outro, não correm, estão abaixo do toureiro. Só acirram o Outro para um Eu que olham, reconhecem, invejam.

Este sim, demonstra sua coragem a cada estocada, nos desvios flexíveis de uma lateralidade, de giros, que o touro não acompanha, e o toureiro ali, rente, o sabe.

Resta-lhe pouco tempo mais em fúria e o golpe final fica travestido de misericórdia, depois de sagrado; só o que resta é ser abatido para um fim, entre muitos.

A arena, o redondel, será regada entre corridas, assim garantindo a repetição, fresca e de outro espetáculo, a repetição não é do mesmo?

Mas afinal sendo o touro e o toureiro, a divisão inexorável, o que de melhor pode resultar?

Proibindo o espetáculo? Não se iluda ele será encenado na clandestinidade.

Parando de criar miúras? Meu Deus! Desemprego total! Fortunas no nadir de suas derrocadas financeiras. Ademais é um símbolo insubstituível, pilar cultural, sem ele, desabamento certo.

O toureiro? É nascido o toureiro: as mães choram, mas assim os procriam e assim os desejam. É um destino inexorável, ser toureiro ou o nada. É vedado subtrair este gozo de todos os lados: do touro, do toureiro, dos ancestrais toureados, toureadores, criadores, forma-dores, enfim todo o mundo que circo-ula em torno deste culminante e repetitivo espetáculo.

A platéia? Espera pela repetição do espetáculo! A temporada das touradas. Não haver platéia? Só dizimando, e ela brotará de novo, será substituída com paixão, por todos seus correlatos.

Implodir o estádio? A improvisação irá possibilitá-lo de imediato.

E a tradição? Quê então?

O corte à to-irada.

A falta da tourada!

Chega, basta de adict-atração!

Tourada
Outrada

Como? O devir do miúra. O miúra também terá seu saber, saberá o saber do Outro. O miúra é desejo do criador, do toureiro, da platéia, e assim engessado neste lugar, lhe cabe sustentar o espetáculo.

E no devir dos miúra, o touro muda de lugar, como?

Os miúras reconhecem o fabrico do pano vermelho, cada fio, cada tom, e perdem o interesse em reinvestir nas marcas que o Outro lhe agita, reconhece-se no Touro.

Este concentrado de recalque que abriga toneladas de fúria, antecedentes de dor, manchas sangrentas, acolher-se-á. Reconhecendo o toureiro, não responderá à sua demanda, desenlaçado e desembaraçado do seu desejo.

O picador e os provocadores ficarão sem função, a platéia não gozará na falta de sua fúria.

O touro suportará sem braveza e com bravura a inicial estranheza do toureiro, as vaías da platéia, o medo da sumária execução. Não há espetáculo nesta morte antecipada. É o fim para muitos gozos.

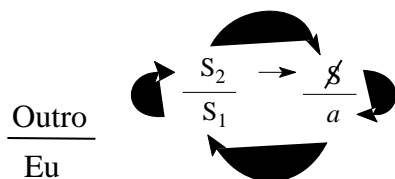
Então, renunciando ao vermelho morto da tourada, ao vermelho tingindo seu gozo do gozo do Outro; pastarão orgulhosamente o verde vivo do seu próprio desejo, desejo de outra coisa, desejo de novo.

Declarando morte à vergonha e à vergonha da vergonha, não reconhecerão merecimento em qualquer outra morte, tampouco naquela que era o porquê de suas vidas.

Então, pastarão orgulhosamente, não cairão nas outradas; e, com tal bravura que: nem as vaías, nem os algozes se mobilizarem, nem a continuação do espetáculo, nada trará os Me-urras de volta. Tudo isto aos miúras faltará. O rescaldo é a marca de estar fora, e descobrir: afinal a que se avia no devir do EU?

É o fim de uma touro-mania. Ao topar com toureiros, e assumir o lugar de um outro me-urra. Efeito fatal de ser o desejo do Outro, desejar ser o desejo do Outro, desejar ser objeto de desejo do Outro, não-ser! Isto foi para mim: tomar um lugar de touro e transformar a minha vida numa outrada, digo, tourada.

Sair desta, não ceder do desejo próprio, esta é a libertação que em Mim-úrta, O fim do espetáculo!!!



Regina Moran

Um homem me fala; sei que são sinais de Deus Vivo: saí fortificado.

O menino pede ajuda a Nossa Senhora porque não se contém. Ele quer o que não quer, dentro dele há um outro. Eu me comovo com este rosto no chão, essa dor, essas lágrimas, essa profunda humilhação dia a dia.

Nossa Senhora se comoveu mais que eu e acudiu, o homem suplica outra vez. Não nos falte agora, não nos falte apesar de nós. Que há um outro em cada um de nós. Que queremos o que não fazemos e fazemos o que não queremos. Que há este impossível, esse além de mim, isso que não cabe em nada, que transborda tudo, que tem vida própria, não cede a argumento algum, permanece quando o supomos findo, retorna quando menos esperamos, em força e lágrimas e ânsia e sonhos.

Renata Falivene



AGENDA

AULA INAUGURAL

A Formação do Psicanalista Lacaniano

Durval Checchinato
Quinta-feira 27/02/2008 - 20h00

LEITURAS EM PSICANÁLISE

A OBRA DE SIGMUND FREUD

Coordenação Geral: Regina Steffen

Tema: 2º Tópica

Coordenação: Adriana Fiori
5as. feiras, das 20h00 às 21h30
Início: 06/03/2008
(encontros semanais)

A OBRA DE LACAN

Sem. IV: A Relação do Objeto

Coordenação: Regina Steffen
3as. feiras das 20h00 às 21h30
Início: 04/03/2008 (encontros semanais)

Sem. VII: A Ética da Psicanálise

Coordenação: Patrícia Ribeiro Possato
6as. feiras, das 10h15 às 11h45
Início: 14/03/08 (encontros quinzenais)

Sem. XXIII: O Sinthoma

Coordenação: Walkíria Grant
6as. feiras, das 10h15 às 11h45
Início: 07/03/08 (encontros quinzenais)

SEMINÁRIOS

Neurose, Psicose e Perversão

As Estruturas Clínicas de Freud e Lacan

Coordenação: Lúcia Bertazzoli
3as. feiras, das 18h15 às 19h45
Início: 04/03/2008 (quinzenal)

Psicanálise com Crianças

Coordenação: Adriana Fiori
2as. feiras, das 19h00 às 20h30
Início: 03/03/2008 (semanal)

A Formação do Psicanalista

Conforme as Propostas de J.Lacan

Coordenação: Durval Checchinato
6as. feiras, das 8h00 às 9h45
Início: 07/03/2008 (quinzenal)

CARTÉIS

Drogadicção

Iniciado em abril de 2006.
Informações: Terrence Hill

I JORNADA EM PSICANÁLISE DA ACP

A Formação do Psicanalista Lacaniano

Sábado 11/10/2008 – 8h30

Administração ACP Gestão 2007
--

**Fale conosco
Dúvidas e/ou Sugestões**

Presidente: Israel Vieira

Vice-Presidente: Patrícia Cristina Gimenez
Ribeiro Possato

Secretário: Renata Bolzam do Nascimento
Falivene

Vice- secretário: Terrence Edward Hill

Tesoureiro: Regina Célia de Carvalho Pinto
Moran

Vice- tesoureiro: Antônio Carlos de Barros
Junior

Comissões

Acolhimento: Durval Checchinato
Patrícia C. G. Possato
Walkiria H. Grant

Biblioteca: Inácio Siqueira Lima

Divulgação: Sueli de Oliveira Castro

Ensino: Lúcia Brandão Bertazzoli
Regina Steffen
Walkiria Helena Grant

E-mail: acp@acpsicanalise.org.br

Telefone: (19) 3232-4278

Rua 14 de Dezembro, 399, Cambuí, Campinas
São Paulo - Brasil

Visite nosso site:

www.acpsicanalise.org.br